

ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV: o uso do gênero textual glossário como recurso didático para o processo de letramento

Keise Samanda Lima Queiroz¹

Suzane de Oliveira Quadros²

Orientadora: Prof^{ra}. Dr.^a Maria da Conceição Azevêdo³

Resumo: Este artigo tem o intuito de relatar as experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado IV: Língua Portuguesa e suas Literaturas no Ensino Médio, realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Integral Prof^{ra} Argentina Pereira, em Bragança-PA. O estudo foi realizado em uma turma de primeiro ano do Ensino Médio, composta principalmente por alunos oriundos do campo. A proposta pedagógica escolhida foi trabalhar o tema “Farinha de mandioca”, devido à sua relevância social, cultural e econômica na região Norte. Utilizando o gênero textual glossário, o objetivo para o plano de aula foi promover o letramento, desse modo valorizando a cultura local, e permitindo que os alunos se tornassem protagonistas na construção do conhecimento. A fundamentação teórica baseou-se em algumas contribuições de estudiosos, como: Marcuschi (1996, 2004), Kleiman (2005, 2007), Rodrigues (2015), Pimenta e Lima (2008), entre outros. Do ponto de vista metodológico, adotou-se uma abordagem qualitativa, a partir da utilização de observação participante e diário de campo (Prodanov; Freitas, 2013). Os resultados mostraram a participação ativa dos alunos, evidenciando seu orgulho pela transmissão de saberes e tradições e o sentimento de pertencimento ao campo. Destaca-se também a importância do estágio na formação profissional, ressaltando a necessidade de práticas pedagógicas adaptadas à realidade e ao contexto social dos alunos.

Palavras-chave: Estágio supervisionado; Glossário; Farinha de mandioca; Letramento.

Abstract: This article aims to report the experiences lived during the Supervised Internship IV: Portuguese Language and its Literatures in High School, held at the Prof. Argentina Pereira State School of Integral High School, in Bragança, Pará. The study was conducted in a first-year high school group, composed mainly of student from the countryside. The pedagogical proposal chosen was to work on the theme “manioc flour”, due to its social, cultural and economic relevance in the North region. Using the textual genre glossary, the objective for the lesson plan was to promote literacy and value the local culture, allowing students to become protagonists in the construction of knowledge. The theoretical foundation was based on some contributions of scholars, such as: Luiz Antônio Marcuschi (1996,2004), Kleiman (2005, 2007), Elias Rodrigues (2015), Pimenta and Lima (2008), among others. From the methodological point of view, a qualitative approach was adopted, based on the use of participants observation and field journal (Prodanov; Freitas, 2013). The results showed the active participation of the students, evidencing their pride in the transmission of knowledge and tradition and the feeling

¹ Acadêmica do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará, Campus Bragança. E-mail: kqueiroz406@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará, Campus Bragança. E-mail: suhquadros2015@gmail.com

³ Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, Campus Bragança. E-mail: cazevedo@ufpa.com

of belonging to the countryside. The importance of the internship in professional training is also highlighted, emphasizing the need for pedagogical practices adapted to the reality and social context of the students.

Keywords: Supervised internship; Glossary; Manioc flour; Literacy.

Introdução

Este trabalho é fruto de vivências cultivadas durante o período do Estágio Supervisionado IV: Língua Portuguesa e suas Literaturas no Ensino Médio, componente curricular obrigatório do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, ofertado pela Universidade Federal do Pará, *campus* Bragança. Este estágio desenvolveu-se em uma turma de primeiro ano do Ensino Médio, da Escola Estadual de Ensino Médio Integral Prof.^a Argentina Pereira, situada às margens da Rodovia Bragança-Viseu, no município de Bragança-PA. A seguir, apresentamos a imagem da fachada da escola, recentemente revitalizada:

Figura 1 – Fachada da Escola



Fonte: registro fotográfico realizado pelas autoras

No primeiro contato com a escola, percebemos um forte compromisso dos gestores com a manutenção e a criação de um ambiente acolhedor e convidativo para todos os alunos e para a comunidade escolar. Durante a observação participante e em diálogo com a professora regente, observamos que não apenas os estudantes da turma, mas todo o corpo discente da escola é composto predominantemente por pessoas oriundas do campo, especialmente de comunidades ao redor do município de Bragança, como Camutá, Miriteua e Benjamin Constant, entre outras. Esse aspecto chamou nossa atenção e influenciou diretamente a escolha da nossa

proposta didática, pois decidimos trabalhar um tema que fosse significativo e relevante para os educandos. Abaixo, apresentamos uma imagem de satélite que delimita a sede do município de Bragança e destaca algumas das comunidades atendidas pela escola:

Figura 2 – Algumas comunidades atendidas pela Escola Argentina Pereira



Fonte: Google Maps

Dessa forma, refletindo sobre esses aspectos contextuais, surgiu a ideia de trabalhar o tema “Farinha de mandioca”, considerando que é um produto de suma importância na culinária e na cultura da Região Norte. Geralmente produzida nas comunidades da zona rural, a farinha de mandioca é fundamental tanto para a subsistência de suas populações quanto para a economia dessas localidades. Assim, ao abordar um elemento intrínseco à realidade dos discentes, o tema torna-se relevante e significativo para o aprendizado.

Considerando essa temática e como resultado da busca por metodologias ativas de ensino-aprendizagem, optamos por focar como objeto de ensino o gênero textual glossário. Compilar termos específicos relacionados à produção da farinha de mandioca é uma maneira de documentar, valorizar e preservar a cultura local, realizando o letramento, pois, dessa forma, se fortalece a identidade cultural e o sentimento de pertencimento ao campo, além de promover uma educação mais participativa e colaborativa, em que os estudantes são protagonistas no processo de construção de conhecimento.

Ao utilizar ou criar um glossário, os alunos podem aprofundar seu entendimento das palavras, incluindo suas definições e contextos de uso. Isso enriquece o vocabulário dos estudantes, facilita a internalização de termos técnicos e conceitos importantes, que são essenciais para a compreensão de textos complexos e para uma comunicação mais eficaz. Portanto, o glossário serve como um complemento prático ao estudo do léxico, proporcionando uma abordagem estruturada e acessível para o desenvolvimento de habilidades linguísticas fundamentais na educação básica.

O estudo do léxico na educação básica é crucial porque melhora a capacidade de comunicação oral e escrita. Além disso, contribui para o pensamento crítico, pois um domínio maior das palavras e seus significados facilita a análise e a argumentação em diferentes contextos. Assim, promove-se não apenas o desenvolvimento linguístico, mas também os aspectos cognitivo e cultural dos alunos, preparando-os para uma participação mais ativa e consciente na sociedade.

Logo, o propósito deste trabalho é relatar as experiências vivenciadas durante a execução do plano de aula, oferecendo reflexões sobre o uso do gênero textual glossário como um recurso valioso para o processo de ensino-aprendizagem, bem como, reflexões sobre os resultados obtidos e os desafios enfrentados. Com isso, almejamos contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que estejam em sintonia com a realidade e o contexto dos alunos. Assim, esperamos que este estudo inspire outros educadores a incorporar abordagens semelhantes em suas práticas de ensino.

Este artigo está organizado em cinco seções. Após esta seção introdutória, que contextualiza o estágio supervisionado e o objeto de ensino, a segunda seção apresenta as principais ideias de teóricos que discutem questões associadas ao tema da pesquisa. A terceira seção detalha os procedimentos metodológicos usados no desenvolvimento do estudo e na implementação do plano de aula. A quarta seção discute dados relevantes obtidos a partir da efetivação do plano de aula com a proposta didática de elaboração do glossário da farinha. Por fim, a quinta seção traz as conclusões da pesquisa e da experiência de estágio supervisionado.

Fundamentação Teórica

Para este estudo, embasamo-nos em algumas contribuições de autores que discutem as concepções de gênero textual (Marcuschi, 1996, 2004), glossário (Rodrigues, 2015), letramento (Kleiman, 2005, 2007) e estágio (Pimenta e Lima, 2008; Pimenta e Gonçalves, 1990), entre

outros. As reflexões propostas nos forneceram um arcabouço teórico essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao abordar a natureza da língua e sua relação com as práticas sociais, Marcuschi (1996, p. 3) afirma: “A língua é um fato social, histórico, desenvolvido de acordo com as práticas sociais e, como tal, obedece a convenções de uso”. Essa perspectiva destaca que a língua está sujeita a propósitos comunicativos estabelecidos pelo contexto. Nessa linha de pensamento, Marcuschi (2008, p. 154) acrescenta: “É impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero” (Marcuschi, 2008, p. 154).

O entendimento e o domínio dos gêneros textuais são fundamentais para o aprimoramento da competência comunicativa dos sujeitos e para sua plena participação nas práticas sociais. Assim, ao se pensar em práticas pedagógicas de língua portuguesa, eles se tornam ferramentas indispensáveis para o processo de ensino-aprendizagem, pois permitem uma abordagem significativa do conteúdo, possibilitando a aplicação dos conhecimentos adquiridos em situações reais de comunicação.

Dessa forma, ao analisar a função e a evolução dos glossários sob uma perspectiva histórica e contemporânea, também reconhecemos sua importância contínua como instrumento de compreensão e disseminação de conhecimento, destacando sua relevância no contexto educacional. Vejamos o que o Dicionário de Gêneros Textuais enfatiza sobre os glossários:

historicamente, na Idade Média e Renascença, reuniam-se, na parte final de um manuscrito ou enfileirada num volume próprio, anotações, antes interlineares (glosas), sobre o sentido de palavras antigas ou obscuras encontradas nos textos. Isso era um glossário. Hoje, são compilações várias, apresentadas em ordem alfabética ou temática, de opiniões, ideias de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos, ou palavras, opiniões, ideias utilizadas e difundidas (Costa, 2008, s.p.)

Os glossários, assim como os dicionários e vocabulários, são gêneros textuais da mesma “família” e encarregam-se de listar e descrever termos de uma determinada língua, por essa razão, textos desses gêneros podem ser facilmente confundidos. O que diferencia os glossários dos demais gêneros textuais citados, é trabalhar domínios, áreas ou temas específicos, além de possuir uma certa “flexibilidade” no formato, dos mais complexos aos mais simples. A partir dessas perspectivas, podemos considerar o gênero textual glossário como um instrumento que favorece um aprendizado interdisciplinar, que conduz ao processo de letramento, pois amplia a compreensão do significado e do uso da linguagem.

Usamos o termo “letramento” para nos referir às práticas sociais que utilizam a escrita de maneira funcional, nesse sentido, embora o termo possa incluir as práticas de letramento que ocorrem no contexto da educação escolar, refere-se também a usos da escrita que não se restringem a esse ambiente. Como Kleiman (2005, p. 5) afirma, “o termo ‘letramento’ é um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar, porque a escrita está por todos os lados, fazendo parte da linguagem cotidiana”. Além disso, o letramento implica a capacidade de entender e produzir textos que atendam a diferentes propósitos comunicativos e contextos culturais.

Conforme Kleiman (2007, p. 2), “São os gêneros as matrizes sócio-cognitivas e culturais (MATENCIO, 2003) que permitem participar de atividades letradas das quais nunca antes se participou”. E “o professor, enquanto agente de letramento, é um promotor das capacidades e recursos de seus alunos e de suas redes comunicativas para que participem das práticas de uso da escrita situadas” (Kleiman, 2005, p. 53). Desse modo, o professor desempenha um papel importante como mediador de conhecimentos, auxiliando na formação de indivíduos capazes de utilizar a linguagem para construir significado

Assim sendo, consideramos que uma pessoa letrada é aquela capaz de participar ativamente da vida em sociedade, utilizando a escrita para resolver problemas, tomar decisões informadas e comunicar-se de maneira eficaz. Por isso, “é na escola, agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas, na pertinência de assumir o letramento, ou melhor, os múltiplos letramentos da vida social” (Kleiman, 2007, p. 4).

Nessa perspectiva, o Estágio Supervisionado desempenha um papel fundamental, pois é através dele que os futuros educadores podem vivenciar a relação teoria e prática, desenvolvendo competências pedagógicas e refletindo sobre os conhecimentos adquiridos ao longo da formação acadêmica. Esse contato direto com o ambiente educacional permite aos estagiários uma integração eficaz, preparando-nos para enfrentar os desafios da docência com maior segurança e competência.

Além disso, o Estágio Supervisionado facilita a transição da vida acadêmica para a vida profissional, promovendo uma abordagem crítica e reflexiva em relação à prática educativa e ao convívio escolar. Pimenta e Gonçalves (1990) definem o estágio “como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade”. Portanto, o estágio não só aprimora a formação acadêmica do estagiário, mas também contribui para uma compreensão mais profunda das práticas pedagógicas e das realidades enfrentadas no ambiente escolar.

Metodologia

“É possível que o estágio se realize na forma de pesquisa? A pesquisa no estágio é uma estratégia, um método, e uma possibilidade de formação do estagiário como futuro professor” (Pimenta; Lima, 2008, p. 14). Partindo dessa premissa, que destaca o período de estágio como um campo fértil para investigação e reflexão, apresentaremos nesta seção a abordagem metodológica e os procedimentos que utilizamos durante a realização do estágio supervisionado, bem como a abordagem metodológica empregada na elaboração do Plano de Aulas.

Para este estudo, adotamos uma abordagem qualitativa, tendo em vista que, “na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70). Desse modo, o pesquisador não apenas observa passivamente, mas se envolve ativamente com o contexto, permitindo uma compreensão mais profunda e rica.

Utilizamos a observação participante e o diário de campo como métodos de pesquisa, visto que, “na observação participante, o observador torna-se parte da situação a observar. O pesquisador parte das observações do comportamento verbal e não verbal dos participantes, de seu meio ambiente, das anotações que ele mesmo fez quando no campo” (Moreira, 2004, n.p.). Logo, a observação participante combinada com o diário de campo permite ao pesquisador capturar/registrar uma gama de dados em tempo real para posteriores análises e reflexões.

As atividades de estágio supervisionado ocorreram entre os dias 26 de abril e 25 de maio de 2024. O formato intercalado do estágio combinou atividades teóricas na UFPA e práticas na Escola Prof.^a Argentina Pereira. Aqui serão delineadas apenas as atividades de observação participante, planejamento e regência, pois o foco específico será na prática educativa direta.

No dia 3 de maio de 2024, fomos apresentadas aos gestores e professores de Língua Portuguesa da escola. Durante esse encontro, escolhemos a turma com a qual trabalharíamos, optando pela turma 102 do 1º ano do Ensino Médio. A observação participante começou no dia 6 de maio e terminou no dia 10 de maio. Durante esse período, observamos o espaço escolar, o trabalho dos docentes e o perfil da turma. Procuramos interagir constantemente com os alunos para nos aproximarmos deles, perguntando sobre suas vidas, comunidades, interesses e dessa forma aprendemos seus nomes, algo que consideramos muito importante para estreitar relações.

A turma é formada por 31 alunos, jovens entre 15 e 18 anos de idade, todos regularmente matriculados e frequentes. Esses jovens predominantemente da zona rural são muito ativos e

participativos, sempre demonstrando grande interesse pelas atividades propostas pelos professores. Durante a observação, participamos do Projeto de Vida, ministrado pela professora de Geografia, cujo tema da aula era: “Quem sou eu? De onde venho?”. Ficamos envolvidas pelo tema e pela abordagem didática, nos sentimos encantadas e conectadas com o sentimento de pertencimento abordado pela professora. Foi algo decisivo; nesse momento, optamos por trabalhar um tema regional.

Ao retornarmos à academia, sob a orientação da professora Maria Helena Rodrigues Chaves — docente da Faculdade de Letras da UFPA, campus Bragança e orientadora do estágio —, discutimos a importância de metodologias ativas. Após uma pesquisa *online*, identificamos o glossário como uma estratégia didática interessante, adequada e enriquecedora. A partir daí escolhemos nosso objeto de ensino, unimos as ideias e construímos nosso plano de aulas. O período de regência iniciou dia 17 de Maio e se estendeu até ao dia 22 de Maio, atravessando o final de semana, o que foi importante para o andamento do plano de aulas, visto que previa a realização de uma atividade extraclasse e os alunos teriam um tempo maior para executá-la. Abaixo apresentamos um quadro com a síntese do plano de aulas:

Quadro 1: Síntese do plano de aulas

PLANO DE AULAS			
MOMENTOS	OBJETIVOS	MÉTODO	RECURSOS
CONVERSA INICIAL/EXPOSIÇÃO E EXPLANAÇÃO E DA PROPOSTA DE ATIVIDADE	Compreender a importância da farinha de mandioca no contexto social, cultural e econômico da região norte; Reconhecer o gênero textual: Glossário e as suas características composicionais; Utilizar estratégias de entrevista para coletar informações sobre o processo de produção da farinha.	Roda de conversa para identificar os conhecimentos prévios sobre o gênero textual glossário. Conceituação do gênero glossário e suas características; Apresentação do tema da produção: “A farinha de Bragança” com exibição de vídeo. Apresentação da proposta de atividade: elaboração de um glossário sobre a farinha d’água de Bragança; Divisão da turma em equipes e sorteio dos temas relacionados ao processo de produção da farinha. Entrega dos questionários e orientações para entrevistar produtores de farinha.	Notebook, Datashow, Caixa de som, quadro branco e pincel, questionários.

IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS TERMOS	Identificar termos específicos relacionados ao processo de produção da farinha de Bragança e formular conceitos simplificados para a compreensão e assimilação.	Identificação dos termos específicos relacionados ao processo produtivo da farinha que pesquisaram. Descrição detalhada de cada termo e organização dos termos em ordem alfabética para elaboração do glossário.	Quadro branco e pincel.
ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO SOCIALIZAÇÃO	Documentar o léxico especializado utilizado no processo de produção da farinha de Bragança, com base no seu contexto de uso.	Elaboração do glossário em caderno produzido pelos alunos (material reciclado). Socialização das atividades realizadas pelas equipes Encerramento com um lanche e sorteio de brindes.	Papel reciclado, folhas de sublimação, datashow, caixa de som, pincel e quadro branco.

Fonte: Elaborado pelas autoras

Relato e discussão da experiência

A atividade proposta para a turma foi a elaboração de um glossário sobre a produção da farinha de Bragança. Para isso, a turma foi dividida em seis equipes, cada uma responsável por uma fase específica do processo de produção da farinha. As fases que compõem esse processo são as seguintes: 1. Plantio e Colheita; 2. Preparação e Fermentação; 3. Trituração e Prensagem; 4. Peneiramento e Escaldamento; 5. Torragem e Resfriamento; 6. Embalagem, Armazenamento e Comercialização. Nesta seção, analisamos alguns dos termos coletados pelos alunos durante as entrevistas, que foram realizados como parte do plano de aulas.

Cada equipe utilizou um questionário (Apêndices A, B, C, D, E, F, G) elaborado por nós como suporte para realizar as entrevistas com produtores de farinha. Os questionários continham 10 perguntas, sendo 4 gerais e 6 específicas para cada fase da produção. Os alunos foram orientados a levar um caderno de campo para anotações, além de um *smartphone* para gravações e registros fotográficos. No total, foram compilados 56 termos. No entanto, alguns deles se repetiram e suas descrições foram mescladas, posteriormente esses termos duplicados foram removidos, resultando em 31 termos distintos ao final (Apêndice H).

No geral, os termos compilados no glossário podem ser categorizados nos seguintes campos semânticos:

1. Equipamentos e Ferramentas:
 - Canoa
 - Catitu

- Ferro de cova
 - Rodo
 - Peneira
2. Processos e Técnicas:
- Capina
 - Escalda
 - Roçagem
 - Raspagem
 - Torragem
3. Materiais, Produtos e Subprodutos:
- Lenha
 - Massa
 - Paneiro
 - Tucupi
 - Tapioca

A partir da identificação e descrição dos termos, notamos que os alunos encontraram dois termos com variações linguísticas: “guarimã” e “guarumã⁴”, bem como “carueira” e “crueira⁵”. Esses exemplos evidenciam a diversidade linguística e a riqueza cultural presentes na fala dos estudantes e das comunidades que eles representam. Segundo Bagno (2002, p. 183), “a variação linguística é um fenômeno natural e esperado em qualquer língua, refletindo fatores históricos, sociais e culturais”.

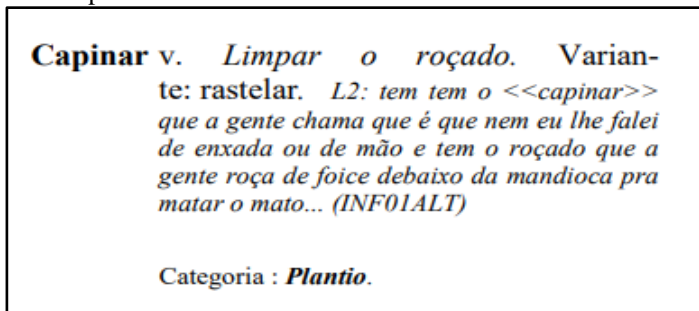
É válido destacar que não avaliamos os trabalhos com base na conformidade em relação à norma padrão da língua, visto que a etapa de regência ocorre durante um curto intervalo de tempo, obedecendo ao calendário escolar e ao horário da disciplina Língua Portuguesa, o que nos oportunizou seis horas-aula. Dessa forma, nosso enfoque não foi na correção gramatical nem ortográfica, pois, além do curto período, nós também consideramos o uso da linguagem em contextos sociais reais e significativos. E, conforme Ingedore Koch (2006) discute em sua obra “Linguística Textual: Introdução ao Estudo do Texto”, a avaliação deve ir além da correção dos desvios da norma padrão e valorizar a competência dos alunos em produzir e interpretar textos de acordo com as demandas comunicativas específicas.

⁴ Etimologia (origem da palavra *guarumã*). Do tupi yuarumá.

⁵ Etimologia (origem da palavra *crueira*). Do tupi kuruéra.

Além disso, o tempo limitado do estágio foi um fator crucial na decisão de utilizar uma estrutura menos convencional para os verbetes do glossário. Optamos por não incluir itens tradicionais como categoria gramatical, gênero, sinônimo, fonte, definição, contexto de uso e ilustração. Em vez disso, adotamos um modelo adaptado e mais simplificado, fazendo a transposição didática do saber. No entanto, expomos aos alunos modelos clássicos como referência de glossário. A seguir, apresentamos dois dos exemplos expostos à turma:

Figura 3 – Exemplo clássico de verbete



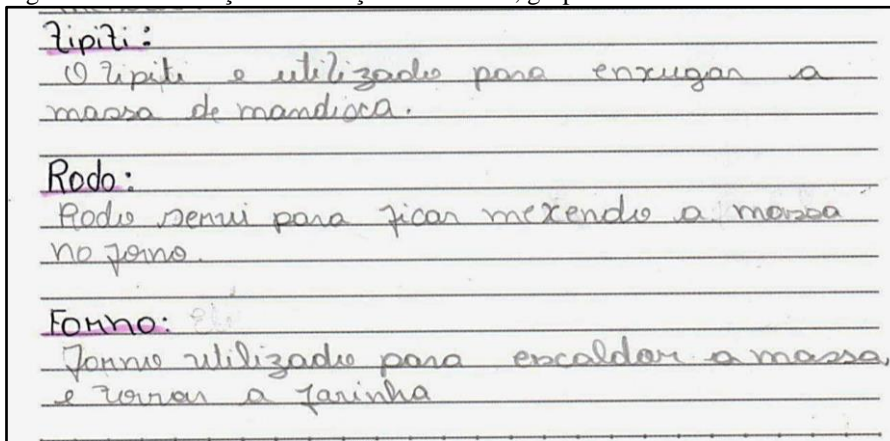
Fonte: Elaborado por Rodrigues (2015)

Figura 4 – Exemplo clássico de verbete

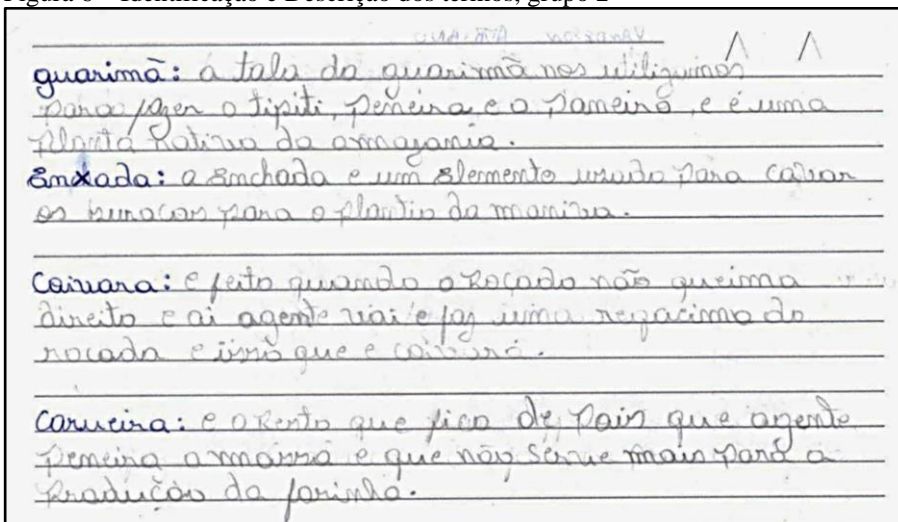


Fonte: Elaborado por Rodrigues (2015)

Para ilustrar os resultados alcançados, selecionamos alguns termos identificados pelos alunos, conforme exemplos abaixo:

Figura 5 – Identificação e Descrição dos termos, grupo 3⁶

Fonte: registro fotográfico de atividade feita por aluno

Figura 6 – Identificação e Descrição dos termos, grupo 2⁷

Fonte: registro fotográfico de atividade feita por aluno

Podemos observar que os grupos demonstraram uma boa compreensão do gênero glossário. No entanto, na fase de identificação e descrição dos termos, alguns grupos apresentaram, em determinados itens lexicais, apenas a utilidade, sem fornecer uma descrição completa. Esse problema foi identificado por nós e corrigido em conjunto com os alunos. Após essa correção, concluímos que os alunos assimilaram de forma eficaz o conteúdo, a estrutura, o estilo e a função comunicativa do gênero glossário. Eles foram capazes de identificar com precisão os termos relacionados à produção da farinha de mandioca, descrever cada um de

⁶ Tipiti: O tipiti é utilizado para enxugar a massa de mandioca; Rodo: Rodo serve para ficar mexendo a massa no fogo; Forno: Forno é utilizado para escaldar a massa, e torrar farinha.

⁷ Guarimã: A tala da guarimã nós utilizamos para fazer o tipiti, peneira e o paneiro, é uma planta nativa da Amazônia; Enxada: A enxada é um elemento usado para cavar os buracos para o plantio da maniva; Coivara: É feita quando o roçado não queima direito e aí a gente vai e faz uma requeimada do roçado e isso é coivara; Carueira: É o resto que fica depois que a gente peneira a massa e não serve mais para a produção de farinha.

forma clara e sucinta, e, posteriormente, organizar as listas em ordem alfabética para a confecção do glossário.

Dito isso, podemos ressaltar que essa atividade se caracteriza como um *evento de letramento*⁸, conforme descrito por Kleiman (2005, p. 23) a tarefa “envolve mais de um participante e os envolvidos têm diferentes saberes que são mobilizados na medida adequada, no momento necessário, em prol de interesses, intenções e objetivos individuais e de metas comuns. Daí ser um evento essencialmente colaborativo”.

Ao longo da elaboração do glossário, os alunos frequentemente compartilhavam suas vivências, expressando o orgulho que sentiam ao ver a transmissão deste conhecimento empírico. Eles destacaram a união familiar na casa de farinha, onde o trabalho coletivo é uma tradição, e mencionaram também os familiares que foram entrevistados: o pai, a avó, a namorada, o vizinho. Essa dinâmica reflete a afirmação de Kleiman (2005, p. 54): “quando é dada ao aluno a oportunidade de mobilizar seus saberes e de ser ouvido, ele sempre acaba se lembrando de pessoas, fatos e coisas relevantes (um almanaque esquecido numa gaveta, as palavras do avô, as astúcias, saberes ou relacionamentos de um amigo...)”.

Nesse contexto, Libâneo (1994, p. 250) salienta que “o professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional”. Essa abordagem destaca a importância de um ensino que valorize a escuta atenta dos alunos, permitindo-lhes expressar suas experiências e saberes enriquecedores.

Após a realização das entrevistas pelos grupos e da organização dos dados coletados, os glossários foram confeccionados com materiais reciclados e reutilizados, como folhas de sublimação, que são diariamente descartadas por gráficas e coletadas pelos professores. A produção dos cadernos do glossário ocorreu durante o estudo orientado. Aproveitamos a oportunidade enquanto a professora titular da turma estava produzindo um caderno para a síntese das leituras dos alunos e, assim, em parceria com a professora da Oficina de Reciclagem, confeccionamos o glossário.

Desse modo, podemos inferir que ao produzir um glossário, além de ser uma atividade diferenciada, os alunos enriquecem o vocabulário técnico e fortalecem suas habilidades de organização e apresentação de informações. Esse processo de letramento ajuda a formar

⁸ “Ocasão em que a fala se organiza ao redor de textos escritos e livros, envolvendo a sua compreensão. Segue as regras de usos da escrita da instituição em que acontece. Está relacionado ao conceito de evento de fala, que é governado por regras e obedece às restrições impostas pela instituição.” (Kleiman, 2005, p. 23)

indivíduos capazes de utilizar a escrita como uma ferramenta poderosa para a comunicação, o pensamento crítico e a participação cidadã.

Figura 7 – Finalização dos Glossários



Fonte: registro fotográfico das produções textuais da turma

De forma geral, percebemos que os alunos foram extremamente participativos e abraçaram a causa com entusiasmo, foi perceptível que eles possuem uma bagagem cultural diversificada, e isso foi compartilhado por meio dos resultados deste trabalho em uma socialização com a turma 101, também do 1º ano do Ensino Médio. Durante essa socialização, eles apresentaram os termos do glossário e explicaram as etapas do processo de produção da farinha. Encerramos nossa atividade com um lanche para os alunos e sorteamos brindes.

Considerações finais

Nossa experiência nos possibilitou confirmar a ideia de que “O estágio é o *locus* onde a identidade profissional é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativa e sistematicamente com essa finalidade” (Pimenta; Lima, 2008, p. 62). O Estágio Supervisionado é um momento crucial para o desenvolvimento da identidade profissional. É nesse período que emergem muitas dúvidas, especialmente em relação às práticas educativas, tais como: qual é a melhor abordagem pedagógica? Como planejar aulas interessantes? Como atender às diferentes necessidades dos alunos? Também surgem muitas certezas, como o reconhecimento do impacto significativo que um professor pode exercer na vida dos alunos, o entendimento de que ensinar é uma tarefa muito complexa, e a confirmação ou não do desejo de seguir a carreira.

Ao refletir sobre essas questões, os estagiários são incentivados a pensar de forma criativa e a buscar novas estratégias e abordagens de ensino. Essas reflexões favorecem constantemente a construção de práticas pedagógicas inovadoras e adaptadas às necessidades dos alunos. Afinal, é nesse processo teórico-prático de construção e reconstrução que percebemos que cada escola, cada turma e cada aluno são únicos, e o que funciona para alguns sujeitos e para algum contexto escolar pode não funcionar para outros.

Consideramos imprescindível ressaltar que trabalhar um objeto de ensino tão rico em tão pouco tempo foi muito desafiador, porém esta experiência foi extremamente gratificante. Em suma, encerramos este ciclo da melhor forma possível. Foi emocionante ver o envolvimento dos alunos, ouvir seus relatos e descobrir a grande importância da farinha para essas comunidades. É fascinante perceber como estão intimamente ligados a todo o processo produtivo que é realizado, como se reúnem e celebram a fatura, tornando a produção da farinha um verdadeiro evento.

Relembrar as vivências do estágio neste relato e perceber o quanto fomos assertivas ao escolher trabalhar esse tema foi muito significativo para nós, tendo em vista que a farinha, “este pão nosso de cada dia”, que tem atravessado gerações como uma forma vital de subsistência, é um elemento fundamental no aspecto sociocultural, pulsando no coração dos bragantinos.

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAGNO, M. **A Norma Oculta: Língua e Poder na Sociedade Brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de Gêneros Textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

KOCH, Ingedore V. **Linguística Textual: Introdução ao Estudo do Texto**. São Paulo: Cortez, 2006.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas: CEFIEL/UNICAMP, 2005. (Coleção Linguagem e Letramento em foco).

_____. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **A língua falada e o ensino de Português**. Depto. de Letras, UFPE-1996. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/labor/files/2018/06/OLE-A-1%C3%ADngua-falada-e-o-ensino-de-portugu%C3%AAs-L.-A.-Marcuschi-UFPE.pdf>. Acesso em 16 jun. 2024.

PICANÇO, Miguel N. B. **A farinha D'água de Bragança: territorialidade, turismo e patrimônio alimentar**. In: 44 Encontro Anual da ANPOCS, São Paulo, 2020.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria S. L. **Estágio e Docência**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, Elias M. S. **Glossário eletrônico da terminologia da farinha de mandioca na Amazônia paraense**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

SANTOS, Rosiane O. F.; LESSA, Francine G. C.; ARUEIRA, Kelly C. V. S. O lúdico e as metodologias ativas, uma leitura da Teoria da Aprendizagem de Vygotsky na Educação Infantil. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 20, 31 de maio de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/20/o-ludico-e-as-metodologias-ativas-uma-leitura-da-teoria-da-aprendizagem-de-vygotsky-na-educacao-infantil>. Acesso em 16 jun. 2024.

SILVA, J. F. M. **Relações de sentido entre instrumentos linguísticos de Língua Portuguesa: dicionário e glossário**. Caderno Seminal, (44), 2023. <https://doi.org/10.12957/seminal.2023.72369>

APÊNDICE A - Questionário 1

Data do preenchimento do questionário ____/____/____ Horário: ____:____

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: Masculino () Feminino ()

Escolaridade: _____ Comunidade: _____

• PLANTIO/CULTIVO

1. Há quanto tempo você está envolvido na produção de farinha de mandioca?
2. Como é produzida/fabricada a farinha desde o plantio (roça) a comercialização (venda)?
3. Quais ferramentas ou instrumentos são utilizados em toda a fabricação?
4. É difícil produzir farinha?
5. Além da farinha existem outros produtos feitos a partir da mandioca? Quais?
6. Você tem alguma história ou curiosidade sobre a produção de farinha que gostaria de compartilhar?
7. Como é feito a preparação do solo antes do plantio da mandioca?
8. Quais são os cuidados necessários na hora do plantio?
9. São feitas adubações e irrigações? Se sim, nos conte um pouco sobre esse processo.
10. Quais as principais dificuldades encontradas no plantio?

APÊNDICE B - Questionário 2

Data do preenchimento do questionário ____/____/____ Horário: ____:____

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: Masculino () Feminino ()

Escolaridade: _____ Comunidade: _____

• COLHEITA

1. Há quanto tempo você está envolvido na produção de farinha de mandioca?
2. Como é produzida/fabricada a farinha desde o plantio (roça) a comercialização (venda)?
3. Quais ferramentas ou instrumentos são utilizados em toda a fabricação?
4. Você tem alguma história ou curiosidade sobre a produção de farinha que gostaria de compartilhar?
5. Qual o período da colheita da mandioca?
6. Como é feita a colheita da mandioca?
7. Como você sabe que a mandioca está pronta para a colheita?
8. Quais são os instrumentos utilizados na colheita?
9. Quais são os cuidados necessários na hora da colheita?
10. Quais as principais dificuldades encontradas na hora da colheita?

APÊNDICE C - Questionário 3

Data do preenchimento do questionário ____/____/____ Horário: ____:____

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: Masculino () Feminino ()

Escolaridade: _____ Comunidade: _____

• FERMENTAÇÃO E PREPARAÇÃO (DESCASCAMENTO E LAVAGEM)

1. Há quanto tempo você está envolvido na produção de farinha de mandioca?
2. Como é produzida/fabricada a farinha desde o plantio (roça) a comercialização (venda)?
3. Quais ferramentas ou instrumentos são utilizados em toda a fabricação?
4. Você tem alguma história ou curiosidade sobre a produção de farinha que gostaria de compartilhar?
5. Como é feita a preparação da mandioca para a produção de farinha?
6. Quais são os outros produtos gerados a partir da preparação da mandioca?
7. Como é feita a retirada da casca e a limpeza da mandioca? Quais instrumentos são utilizados?
8. O que seria a fermentação da mandioca? E quais as técnicas tradicionais de fermentação?
9. Quais são os microrganismos envolvidos no processo de fermentação da mandioca?
10. Quais as principais dificuldades encontradas na preparação e fermentação da mandioca?

APÊNDICE D - Questionário 4

Data do preenchimento do questionário ____/____/____ Horário: ____:____

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: Masculino () Feminino ()

Escolaridade: _____ Comunidade: _____

• TRITURAÇÃO E PRENSAGEM

1. Há quanto tempo você está envolvido na produção de farinha de mandioca?
2. Como é produzida/fabricada a farinha desde o plantio (roça) a comercialização (venda)?
3. Quais ferramentas ou instrumentos são utilizados em toda a fabricação?
4. Você tem alguma história ou curiosidade sobre a produção de farinha que gostaria de compartilhar?
5. Quais são os benefícios da prensagem da farinha?
6. Como é feita a prensagem? E quais instrumentos são utilizados?
7. Como é feita a trituração da mandioca e quais instrumentos são utilizados?
8. Quais são as diferentes técnicas que são usadas na trituração da farinha?
9. Você usa a tecnologia no processo de trituração e prensagem da farinha?
10. Quais são as principais dificuldades enfrentadas durante o processo de trituração e prensagem da mandioca?

APÊNDICE E - Questionário 5

Data do preenchimento do questionário ____/____/____ Horário: ____:____

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: Masculino () Feminino ()

Escolaridade: _____ Comunidade: _____

● PENEIRAMENTO E ESCALDAMENTO

1. Há quanto tempo você está envolvido na produção de farinha de mandioca?
2. Como é produzida/fabricada a farinha desde o plantio (roça) a comercialização (venda)?
3. Quais ferramentas ou instrumentos são utilizados em toda a fabricação?
4. Você tem alguma história ou curiosidade sobre a produção de farinha que gostaria de compartilhar?
5. O que é feito no processo de peneiramento da massa?
6. Quais os tipos comuns de peneira utilizadas no processo de peneiramento?
7. Como o peneiramento contribui para a qualidade da farinha?
8. O que é escaldamento de farinha e porque esse processo é feito?
9. Quais são as diferentes técnicas do escaldamento da farinha? E quais seus benefícios?
10. Quais são as principais dificuldades enfrentadas durante o processo de peneiramento e escaldamento da farinha?

APÊNDICE F - Questionário 6

Data do preenchimento do questionário ____/____/____ Horário: ____:____

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: Masculino () Feminino ()

Escolaridade: _____ Comunidade: _____

• TORRAGEM E RESFRIAMENTO

1. Há quanto tempo você está envolvido na produção de farinha de mandioca?
2. Como é produzida/fabricada a farinha desde o plantio (roça) a comercialização (venda)?
3. Quais ferramentas ou instrumentos são utilizados em toda a fabricação?
4. Você tem alguma história ou curiosidade sobre a produção de farinha que gostaria de compartilhar?
5. O que é o processo de torragem da farinha?
6. Quais são os objetivos da torragem de farinha?
7. Quais são as principais técnicas (formas) da torragem de farinha?
8. É feito algum processo de resfriamento? Se sim, nos conte um pouco.
9. Para que serve o resfriamento?
10. Quais são as dificuldades encontradas durante o processo de torragem da farinha e do resfriamento?

APÊNDICE G - Questionário 6

Data do preenchimento do questionário ____/____/____ Horário: ____:____

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: Masculino () Feminino ()

Escolaridade: _____ Comunidade: _____

• EMBALAGEM, ARMAZENAMENTO E COMERCIALIZAÇÃO

1. Há quanto tempo você está envolvido na produção de farinha de mandioca?
2. Como é produzida/fabricada a farinha desde o plantio (roça) a comercialização (venda)?
3. Quais ferramentas ou instrumentos são utilizados em toda a fabricação?
4. É difícil produzir farinha?
5. Além da farinha existem outros produtos feitos a partir da mandioca? Quais?
6. Você tem alguma história ou curiosidade sobre a produção de farinha que gostaria de compartilhar?
7. Você sabe como é feita a embalagem artesanal da farinha? Se sim, conte-nos um pouco desse processo.
8. De que forma você embala seu produto?
9. Como as sacas de farinha são transportadas e armazenadas?
10. Como você faz a comercialização do seu produto?

APÊNDICE H - ITENS LEXICAIS COLETADOS

1. Canoa
2. Capina
3. Carro de boi
4. Carueira VARIANTE = Crueira
5. Casa de forno
6. Catitu
7. Coivara
8. Enxada
9. Escalda
10. Facão
11. Ferro de cova
12. Forno
13. Guarumã VARIANTE = Guarimã
14. Lenha
15. Mandioca
16. Maniva
17. Massa
18. Paneiro
19. Peneira
20. Plantadeira
21. Plantio
22. Raspagem
23. Roça
24. Roçagem
25. Rodo
26. Saco
27. Sarilho
28. Tala
29. Tarioca
30. Tipiti
31. Torragem